

O Boticão da Anjeja

(SEMANARIO)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Anno 1\$500, 8 mezes 1\$000, 4 mezes 500, Brazil 3\$000 reis. — Numero avulso no proprio dia 20 rs. Passado o dia 40 reis.

REDACTORES

RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO E ANNIBAL VASCO LEÃO

ANNUNCIOS E COMMUNICADOS

Por linha 40, Repetições 20, Reclames no corpo do jornal 50 reis. — Os snrs. assignantes tem 25 por cento de abatimento.

SUMMARIO

Escolha do terreno na plantação da vinha—Ernesto Freire. Noticiario.

Secção litteraria :

A mulher—H. Moreira.
Outros tempos (poesia)—João Penha.
Ama-me (poesia)—H. M.
Flor da serra—A. Leão Martins.
A vida (soneto)—Alfredo Campos.
Uma esperança desfolhada—Ephigenia do Carvalho Souza Telles.
Fragmento (poesia)—Vidal Oudinot.
Necrologio—João Chrysostomo.
J... (soneto)—Alberto Rocha.
Impressões—Rocare.
Horas vagas—Narciso d'Albuquerque e Ferreira Guimarães.
Folhetim—Maloum.

ANGEJA, 1 DE JUNHO DE 1887

Escolha do terreno na plantação da vinha

COMO a agricultura é assumpto da actualidade e que felizmente hoje está merecendo mais que nunca a attenção do nosso governo tomamos a liberdade de transcrever do *Agricultor Portuguez* o artigo que segue:

A aptidão de um terreno para a cultura da vinha está intimamente ligado e dependente da sua natureza, situação e exposição das condições climatericas.

Na natureza do solo ha a considerar não só as suas propriedades phisicas, como tambem as suas qualidades chemicas. As primeiras,

e bem assim a situação, exposição e condições climatericas reconhecem-se á primeira vista. Não assim as qualidades chemicas, cujo reconhecimento demanda o auxilio da analyse.

E' por intermedio d'esta que se pôde determinar com toda a segurança, se a vide achará no solo as condições necessarias á sua vegetação prospera, isto é, se encontrará a cal, a potassa, o acido fosforico, o oxido de ferro, etc.

Esta analyse tão geralmente desprezada até hoje, mas tão precisa, indispensavel para se attingir a maxima produção vinicola no menor espaço de terreno, emfim para se saber se o solo é naturalmente rico e se contentará com adubações ordinarias, ou se demandará adubações extraordinarias que tornem anti-economica a cultura, pôde hoje e deve ser feita pelos agronomos regionaes.

Actualmente não se pôde ou não se deve fazer o que se fazia n'outro tempo, em que ninguém se preocupava, ou preocupava-se muito pouco com a natureza mineral do solo e com a sua origem geologica, tendo decerto em attenção a variedade de terrenos em que a vinha vegetava melhor ou peor. Onde houvesse terreno que se prestasse aos trabalhos culturaes, lá era levada a vide, abandonando-se apenas, (quando se abandonavam) os solos puramente arentos, de areia solta, os cascalhudos, etc.

De resto, pelo facto de se ver prosperar a vinha em terrenos geologicamente tão diversos, por exemplo: feldspathicos e graniticos em Ribeira d'Oura (Traz-os-montes), Dão (Beira Alta), graniticos em Basto (Minho) e Cuba (Alemtejo), schistosos metamorphicos em Borba (Alemtejo), de rochas calcareas, grés, margas e até basalto como no termo de Lisboa, pelo facto, diziamos de ver prosperar a vinha, em terrenos de tão dif-

ferente constituição geologica, nem por isso a sua cultura é ou pôde vir a ser igualmente economica em todas ellas.

Quando mesmo não intervissem a situação e exposição do terreno e as castas das vides cultivadas, tinhamos ainda as condições orographicas a influirem poderosamente na economia da cultura.

Serve-nos um só exemplo: o Douro, a afamada região vinicola de Portugal, offerece no seu solo detritos de schistos argilosos do periodo siluriano, as melhores condições á cultura da vide, mas sua orographia, sobre favorecer o empobrecimento do terreno, difficulta por tal fórma o seu cultivo e toda a mão de obra, que só a qualidade privilegiada de seus vinhos (quando não sejam sacrificados a uma concorrência desleal), que não a quantidade, pôde tornar lucrativa esta cultura.

A natureza do solo, tanto pelas suas qualidades phisicas, como pela sua composição chimica e constituição mineralogica, tem uma influencia incontestavel sobre a quantidade e qualidade do vinho, vigor e duração da cepa.

Assim é que os melhores vinhos brancos são os de terrenos calcareos, cretaceos e os de argilas brancas, e que os mesmos vinhos differem entre si segundo são produzidos em terras ferrugiñosas ou não ferrugiñosas; os vinhos tintos provenientes de terrenos ferrugiñosos adquirem uma cor mais brilhante, que em uma mesma região e nas mesmas condições de cultura, exposição, etc., uns vinhos são melhores do que outros, não podendo tal facto deixar de attribuir-se a differença de composição chimica do solo; que a vinha adquire maior duração nos terrenos que lhe offerecem meio mais propicio ao facil desenvolvimento de suas raizes, etc., etc. E, não podemos deixar de chamar desde já toda a attenção para este ultimo ponto,

que adquiriu toda a sua importancia, depois que está provado que o restabelecimento dos vinhos phylloxerados pelo sulfureto de carbonio é mais facil e mais economico em taes terrenos. Compreende-se a razão d'isto, sabendo que o phylloxera vive só nas raizes superiores; ha portanto, toda a conveniencia que a vide leve uma boa parte de suas raizes até onde o phylloxera não desça, o que só se pôde realizar, se o solo se deixa facilmente atravessar por ellas.

Determinada a natureza do solo para saber-se a que mais convem á cultura da vinha, resta ainda saber qual a melhor situação e exposição, condições estas que tanto influem tambem na quantidade do producto. Em solos alagadiços, bem como n'aquelles onde reinam habitualmente os nevoeiros, embora n'elles a vide possa adquirir uma vegetação vigorosa, está contra-indicada a cultura da vinha, não só pela qualidade inferior do seu producto, como ainda pelos muitos accidentes e doenças parasitarias a que a planta está sujeita. O mesmo nas grandes altitudes desabrigadas, onde as condições meteorologicas deixam sujeita a muitos contingentes a plantação da vinha.

Os sitios mais proprios a esta cultura são, quando se attende só á quantidade do producto, as veigas e os terrenos planos ou ligeiramente ondulados, onde a terra seja fundavel e onde as machinas modernas possam funcçãoar, a fim de baratear a mão d'obra; é isto hoje absolutamente indispensavel para não se ficar batido na concorrência dos mercados. Quando se attende á qualidade do producto, são as collinas e as encostas suaves até meia altura, sobretudo proximo de rios ou ribeiros, cujos vapores aquosos exercem durante o calor estival uma benéfica influencia na vegetação das plantas e maturação dos fructos.

FOLHETIM

DIVERSÕES

(Continuado do n.º 12)

Uma d'estas é o *sargaço* que existe em tão grande quantidade no Pacifico e no Atlantico que consitue enormes prados fluctuantes a que se deu o nome de *mar de sargaços*.

São tambem notaveis as *floridas*, uma outra especie de alga corada de vermelho ou azul que, depois das *hydrophytas*, encarregadas de formarem os jardins e relvados das camadas mais profundas do oceano, são as que se encontram a maior distancia da superficie.

Todas as algas são plantas gelatinosas, chlorophylladas, de paredes mais ou menos consistentes, i-

versamente coradas, segundo a natureza do seu pigmento chlorophyllinico. Assim, sob este ponto de vista, ellas reúnem-se em quatro grupos caracterizados pela cor *verde* como nos *fucus*, *sargaços* (em algumas especies) e na maior parte de outras algas; *azul* ou *vermelha* como nas *floridas*; e *escura* como nas *hydrophytas*.

Como as algas contem nas suas cellululas gelatina e iodo, quasi todas, e particularmente o *fucus vesiculosus* e a *chondrus crispus*, da familia das *floridas* tem tido uma applicação na medicina.

Tinha anoitecido, quando chegamos a casa. O tio Menezes veio logo ao nosso encontro apenas nos ouviu fallar nas escadas, a prima e eu, mais radiantes de felicidade e alegria que das outras vezes, beijamos-lhe a mão que nos estendia.

Depois, minha prima contou-lhe

as impressões do nosso passeio e disse-me em segredo que quasi estivera para não omitir *circumstancia* alguma...

—Por quem és, Marianninha, não faças tal; ainda não é nada tarde para isso...

Ella concordou, mas... que era por excesso de alegria...

Pouco depois, pelas nove horas, a ceia estava concluida, e o tio, a prima e eu sentados á meza não comiamos—devoravamos tudo que nos traziam.

—Uff! Assim é que eu gosto das pessoas! dizia meu tio que desapertava dois botões do collete.

Depois do chá estivemos por algum tempo no terraço e pelas 11 da noite recolhe-mo-nos aos nossos aposentos.

Assim acabava o meu primeiro dia de um formoso sonho d'amor nas melhores disposições para a minha felicidade futura.

Os dias iam succedendo-se uns aos outros e cada vez eu descobria

mais graça, na minha gentil namorada, até que o dia 10 de outubro nos veio empanar o horizonte limpido e sem nuvens do nosso amor:—tinhamos de retirar para a villa de *** onde deixaria meu tio e filha na sua casa; e eu iria ter com o commendador Feliciano da Motta pedir-lhe a benção e um saquito de libras para ir continuar o meu curso na escola medica de Lisboa.

Ai, quanto custou a despedida da minha linda Marianna: Ella fez-me jurar que nunca a esqueceria, que lhe escreveria muitas vezes de Lisboa... e, depois de lhe enxugar duas grossas lagrimas, que se lhe desprenderam das palpebras como duas perolas, consentiu que os meus labios tocassem os seus e parti com o coração oppresso, como se fóra apertado em circulos de ferro, cheio de tristeza e commoção.

De longe ainda via um lenço agitar-se a uma janella e depois sumir-se pouco a pouco o vulto que me acenava.

Pelo que respeita á exposiçào, está esta em grande parte dependente não só do clima e situação e natureza do solo, como das castas que queremos plantar.

Assim é que, nas regiões do norte a exposiçào preferível é a que olha ao sul, que favorece a vegetação e adianta a maturação do fructo; nas regiões do sul, contrariamente, deve preferir-se a exposiçào ao norte, para evitar os grandes rigores do estio e por conseguinte a queima do fructo, assim como, pelo atraso da rebentação, o pernicioso effeito das geadas da primavera. N'este ultimo caso, deve o terreno offerecer uma inclinação suave e não abrupta, a fim de que a acção benéfica dos raios solares se faça melhor sentir. Ha, porém, excepções, que nos confirmam a regra a seguir na exposiçào do terreno destinado á vinha, excepções determinadas pela influencia da configuração dos terrenos. Effectivamente a orientação da vinha pôde ser inteiramente modificada, tanto pelas condições orographicas do proprio terreno, como dos que o defrontam ou circundam. O nosso Douro fornece-nos exemplos d'estas excepções na sua margem esquerda, com uma orientação ao norte, e que, todavia, produzem vinhos de primeira ordem, taes são, ou taes eram os vinhos das quintas de Roriz, Vesuvio e outras.

Ernesto Freire.

NOTICIARIO

Estrela parlamentar.—Segundo disseram varios jornaes tanto do governo como da opposiçào, foi excellente a estreia que o snr. conselheiro Albano de Mello, illustre deputado pelo circulo de Aveiro, fez no parlamento, defendendo o parecer da commissào de legislaçào criminal, relativo ao processo Ferreira d'Almeida.

Sua ex.^a apresentou-se extremamente modesto e tratava e respondia com a maxima cortesia tanto a amigos como a adversarios, o que de veras agradou.

Festividade.—Realisa-se domingo, 5 de maio, na Quinta do Funtão (Angeja) do snr. dr. Augusto Maria de Castro, irmão do snr. presidente do conselho, a festa da Senho-

ra do Carmo, da qual sua ex.^a é juiz perpetuo.

Na vespera á noite haverá fogo preso e musica. No dia, na capella da Quinta, competentemente adornada como é de costume, haverá missa cantada, sermão e musica, e á noite arraial e entremez.

O snr. dr. Augusto de Castro tenciona chegar ao Funtão na sexta feira, dia 3. Sua ex.^a esposa e filhinhos já chegaram segunda feira.

Parece que no domingo de tarde irão ao Funtão tocar a casa de suas ex.^{as} os já bem conhecidos occaristas de Albergaria, um grupo de amadores, que a troco d'uma aprendizagem assidua, d'uma força de vontade firme e direcção intelligente do nosso amigo Francisco Mello, conseguem já tocar d'uma maneira verdadeiramente admiravel.

Almanack das Senhoras Portuenses.—A snr.^a D. Albertina Parraizo, uma das melhores escriptoras do Porto, teve a amabilidade de nos enviar um livro assim intitulado de que sua ex.^a é distincta directora.

Este livro, muito digno de ser lido por todos, vem recheado de trechos dos melhores escriptores portuguezes, offerecendo uma leitura variadissima.

Agradecemos penhoradissimos a offerta.

O grande incendio do theatro da Opera Comica de Paris.

—São cada vez mais horrorosas as descripções e os promenores que trazem os jornaes francezes á cerca do terrivel incendio que acaba de fazer tantas victimas em Paris.

Calculam já em 200 as pessoas que foram devoradas e carbonizadas. N'um dos cantos do theatro foram encontradas 27 pessoas carbonizadas em attitude de quem pretendia sair, mas que a isso abstuu uma porta fronteira que não conseguiram abrir.

As descripções chegadas de Paris sensibilizam profundamente, e a custo se podem ler sem brotarem as lagrimas pelos olhos fora. O numero dos feridos é immenso.

Nunca se viu tão horroroso incendio.

O governo francez subscreveu com uma avultada quantia para as familias das victimas. A imprensa parisiense promove subscrições e mesmo a das provincias. As emprezas dos theatros annunciam espectaculos, tudo para o mesmo fim.

O governo austriaco subscreveu com 10 mil francos; o conde de Paris com outros dez mil.

facil habituar outra vez áquella minha antiga vida de Lisboa, do que deixal-a depois de acostumado.

* *

A festa que o Silva do Chiado me fez é indiscriptivel: elle suppunha que eu me esquecera do seu estabelecimento; que não voltasse para Lisboa, imaginando até que eu me quizesse formar em Paris... muitas outras cousas, enfim, e por ultimo que tinha a satisfação de me participar que havia camarões deliciosos...

E' quasi sempre n'isto que veem a dar os cumprimentos dos nossos aduladores.

Eu ia vivendo admiravelmente na capital, ora lembrando os dias felizes que passara ao lado da prima, cuja ausencia me fazia suspirar ás vezes, ora esquecendo-a e engolphando-me n'um turbilhão de diver-

Publicações.—Recobemos mais as seguintes publicações que cordalmente agradecemos:

O *Agricultor Portuguez*, jornal de agricultura, veterinaria, sciencias e artes correlativas. E' orgão da comissào geral da cultura do tabaco do Douro. E' sua editora a casa Chardon (Lugan e Genelioux).

O sumario do numero que temos presente é o seguinte:—Revista agricola, Tratamento das vinhas, batatas e tomates. A industria leiteira. A agricultura no 59º congresso dos medicos physiologistas allemães. Culturas saccharinas. Vacinações pecuarias. Notas medicas veterinarios. Relatorio sobre a cultura de tabaco no Douro.

O *Agricultor Portuguez* publica-se bi-mensalmente, tem cada numero de 16 a 24 paginas. Custa por anno 3:000.

E' uma das primeiras publicações, senão a primeira n'este genero.

O *Artilheiro*—jornal politico.

SS e RR—litterario e humorisco.

A *Rosa*—jornal litterario, impresso em pequeno formato e bonito papel.

O *Progresso*—de Lamego.

Religião e Patria—de Guimarães.

A *Sciencia*—do Porto.

A *Vespa*—de Penafiel.

O *Brigantino*, O *Esposende* e *Voz do Tua*, politicos.

A *Idéa*—revista quinzenal litteraria, muito bem impressa e primorosamente redigido. Publica-se no Porto.

El Eco de Cartagena, *El siglo*—de Barcelona, jornal illustrado.

El Eco Universal—de Barcelona, doutrinal, muito bem escripto.

A *Revista de Medicina Dosimetrica*—de que é redactor o distinctissimo dosimetrista portuense o ex.^{mo} snr. dr. Olivella e Castro.

Redacção e administração pharmacia Birra; Loyos, Porto.

O *Guia de Saude*—Porto.

—Annunciaremos sempre qualquer publicação que de novo nos chegue ás mãos. Muito de passagem diremos que é para lamentar o nosso collega e visinho «O Districto d'Aveiro» se retraha a corresponder a uma prova de boa camaradagem e cortezia, não trocando connosco.

Naturalmente não nos quer dar essa subida honra.

Eleição.—Foi eleito deputado por Anadia na vaga deixada pelo snr. conselheiro José Luciano de Castro, o seu secretario particular o snr. Francisco d'Almóido Brito.

timentos e prazeres que a cidade me offertava em troca das libras de meu pai, que, n'uma occasião em que lhe pedi uma mezada duas vezes maior que a usual, me advertiu «que cada libra representava uma baga do seu suor, que um calor dos tropicos lhe fizera destillar pelas negregadas terras do Imperio...»

Fiquei sabendo de então para cá que meu pai *devera suar* para fazer a sua fortuna bastante no Brazil, mas preciosos foram os seus *suores* que se crystallizaram em oiro! Não havia mais que carregar-se a gente com uma sacca d'assucar e apanhar libras!!!

O mesmo não me tem acontecido a mim, quando ás vezes pelo verão, vou a Cacilhas alugar um burro para ir passeiar até Arrentella, ou até Corroyos ou á Amora: então suo, farto-me de suar, mas dinheiro... mal tenho ás vezes, no regresso, para o vapor da passagem.

Guerra Junqueiro.—Parte brevemente para Londres este grande poeta.

«Denuncia».—Principiou a publicar-se no Porto um semanario intitulado a «Denuncia» de que é proprietario o snr. José Francisco Viell de Sá.

Licença.—Tem 60 dias de licença o ex.^{mo} snr. dr. Alexandre de Sousa Mello dignissimo juiz em Taboa.

O incendio da opera comica.—Os jornaes de Paris continuam dando pormenores terriveis da catastrophe da Opera Comica. O «Figuaro» consagra-lhes duas paginas.

Alguns aspectos interessantes do interior do edificio:

«As ruinas são extraordinarias, horrorosas, indescriveis. O derrocamento foi completo. Dir-se-ia um enorme circo, em meio do qual se lançassem montões de pedra. Não ha vestigios dos camarotes, nem das cadeiras, nem dos corredores, nem dos pavimentos; as galerias em fogo caíram sobre os camarotes, os camarotes sobre as *baignores* e estas desappareceram nos sub-solos.

Da abobada da scena, pende, desmantelado, torcido, o famoso panno de ferro, que, no desvairamento geral, ninguem pensou em fazer descer. Do tecto, restam apenas arcos concentricos, em torno dos quaes dançam ainda as chammas; por baixo, o brazeiro aviva-se de vez em quando, despedindo linguas de fogo. E, subito, chegados ao alto de uma parede, vemos sobre uma chaminé que ameaça desabar, recortar-se vigorosa com um ponto scintillante, que é o capacete, a *silhouette* de um valente bombeiro.

O sentimento da admiração domina então o sentimento do horror. E, a despeito de todas essas ruinas, de todos esses cadaveres, applaude-se»

As narrativas dos individuos que poderam salvar-se são horriveis. Conta um d'elles:

«Vi muita gente atirar-se das galerias para a plateia. Os homens, desvairados, procuravam as mulheres; uns queriam subir para as salvar, mas repelliam-os brutalmente. Na escada, verdadeiros cachos de espectadores passavam por cima das cabeças dos que desciam. Ouviam-se gritos, chamamentos: «mamã! mamã!» appellidos, nomes, clamores de enlouquecer. Os homens tapavam a bocca com lenços para não engulir o fumo, e as mulheres, com os cabelos em desalinho, desapertavam os colletes, rasgavam os *corsages*, para não asfixiarem.»

Todas as ferias vou estar com a minha prima em casa do tio, ou é ella que vem passar-as a casa de meu pai. E' mais profunda, de cada vez que nos vemos, a nossa sympathia e mais estreitos os laços da afeição que nos votamos.

Minha prima não poude encobrir ao tio Menezes o nosso segredo e consta-me que entre elle e meu pai se tem trocado já umas cartas a concertar o que demais util ha a fazer a nosso respeito: por isso, é com ardor e com uma applicação que nunca tive, que hoje me entrego ao estudo para coroar, pelo consorcio com minha prima Marianna da Cunha e Menezes, o bom exito do meu acto do 3.º anno medico, depois do qual tomarei por esposa, a que agora tenho pela mais gentil das mulheres.

Porto, 1887.
[Conclusão]. Makoum.

SECÇÃO LITTERARIA

A MULHER

OLHAI a virgem pensativa, como na sua consciencia se refletem as primeiras impressões de amor platonico!

Vede aquelle contemplar! E' como o respeitavel anciao d'alvas cans, interrogando os ceus sobre a felicidade eterna, conhecendo mal a sua alma, e elevando o seu pensamento tao alto!

Nos seus verdes annos, eil-a decorrendo com toda a liberdade da alma! Como é nobre e altivo aquelle olhar!

Mas ah! algumas lagrimas lhe assomam ás faces: assimelham perolas. No mundo explica-se isto tudo por uma só palavra: chama-se — «amor».

Ao vel-a dir-se-hia examinar o sabio scismador, encarando a poesia dos ceus! E' contudo ella não desprende o seu meditar da terra.

Parece que uma aureola divina lhe illumina o rosto virginal! Mas não é uma luz divina, é uma luz humana, que lhe dá fogo aos olhos e vida ao coração.

Aponta o teu emblema da innocencia, filha do pó, e á força de seres humana, torna-te divina!

Vês aquelle olhar inquieto? aquelle meditar cheio d'inspiração? aquelles sorrisos prestes como relampagos?

Sabeis o que significam?... Perguntai-o ao coração! Elle vos responde, se já amou.

Voltai Ovidio ao mundo dos amores! Fazei novos poemas! Exaltae as formas graciosas e seductoras das vossas favoritas!

Elevai essas mulheres em vossos cantos, nas mais bellas epopeias; que eu jámais esquecerei a mulher do seculo.

Se Deus quando lançou o homem a essa impetuosa corrente das paixões, o tivesse isolado d'esse ente feminino da criação humana, cingir-lhe-hia a coroa do martyrio.

O homem, esse verdadeiro rei da criação, e nunca um insecto ephemero, como dizia um dos antigos philosophos da China; o homem, sentiria calcarem-lhe o germen da felicidade, d'onde nasce toda a poesia da sua alma.

Homem sem mulher, é coração sem poesia, é alma sem vida. Seria, segundo dizia um dos nossos poetas:

Solitario o exilio, o pensamento
Pela multidão do espaço andando immerso
Como o ecco dorido d'um lamento.

Deus, o Rei Supremo, entendeu, e entendeu bem segundo a humanidade, que a mulher era necessaria ao homem, tal como o ar á vida.

Pensando, na sua alta philosophia, que ella era para o homem á similhaça d'um principio vital, encheu-a d'encantos, graças e attractivos.

Deu á materia a formosura; o espirito encheu-o de suavidade.

Mas a mulher, esse oceano de graças em que todo o homem deseja mergulhar o seu espirito, é o ideal do paraizo personificado?

Não, infelizmente, não: porque não havendo rosas sem espinhos, a mulher tambem tem os seus.

Oh! e os espinhos da mulher evidenciaram-se bem cedo.

O primeiro homem, n'um paraizo de delicias mal precisava desprender suas meditações da terra, para saborear a felicidade na sua essencia, e não os seus reflexos, como nós vol-

vendo os olhos ao horizonte, interrogando as maravilhas da natureza na immensidade do espaço.

E quem o arrancou a esse sublime paraizo?

Foi o espinho da primeira rosa. E todas as gerações tem vergado ao peso da imprudencia d'uma mulher!...

... Qu'importa?! Se é ella que faz a felicidade do homem!

H. Moreira.

OUTROS TEMPOS

Oh! Moisés colossal da lenda eterna!
Desce de novo lá dos céos ao mundo!
Vem conduzir á Promissão moderna
Este povo nas sombras vagabundo.

Mas se desejas que Israel te siga
E te não volte, sem respeito, a face,
Não lhe des agua, que é uma coisa antiga:
Dá-lhe abundante em cada rocha um Bass!

João Penha.

AMA-ME

Porque a melancholia
do teu olhar incerto
se troca em alegria
quando de ti sou perto?

Porque em subito fogo,
em chamma inebriante
as faces tens, e logo
o seio palpitante?!

Que doces melodias
são essas em que fallas,
que em loucas alegrias
me sinto ao escutal-as?!

Como me sóa n'alma
o som mysterioso
d'esse hymno, todo calma
a um peito angustioso!

A vida se m'imflora
co'um teu veloz sorriso,
e cuidó ver aurora
raiar no paraizo.

N'esses teus olhos castos
eu leio o meu destino,
eu, que no mundo a rastos
vagando vou sem tino...

Da vida preso ao nada
eu sou a flor do monte,
que vive sepultada
antes que o sol desponte!

Tu podes levantar-me
de tão profundo horror...
Ama-me e aos ceus levar-me
irás no teu amor!...

H. M.

A FLOR DA SERRA

(A minha irmã Maria d'Oliveira d'Araujo Leão Martins)

Quando assomava o crepusculo matutino entre as harmonias da natureza, e as flores choravam puras gotas de orvalho, já a Flor da Serra ia caminho do monte com o rebanho de brancas ovelhinhas.

Todos lhe chamavam Flor da Serra por ser a pastora mais bonita d'aquelles logares.

Em casa tambem todos trabalhavam incessantemente; o pae lidava todo o dia no campo, a mãe tratava dos arranjos da casa, e ella, a Flor da Serra, pastoreava pelos montes, por entre logares pedregosos que mais d'uma vez lhe feriram os pésinhos; e todos se sentiam felizes e abençoados pelo bom Deus que veste as flores, matisa as veigas e alimenta as avesinhas.

Flor da Serra levantava-se com a luz da rosea alvorada, passava o dia pelos montes, colhendo amoras dos silvedos, dando caça a pequeninos insectos, correndo atraz das lagartixas, e recolhia a casa ao toque das trindades, sempre contente, onde a esperava magra refeição.

Eis, gentil leitora, o viver da pastorinha que apenas contava doze primaveras.

Era um triste dia de dezembro!
Flor da Serra foi, como costuma-
va pastorear o rebanho.

N'esse dia o sol, seu intimo amigo não lhe veio abrandar o rigor do frio.

Havia já muito tempo que somente lhe mostrava a sua larga face de oiro, envolvida na poeira branca dos nevoeiros, mas o seu coração de fogo pulsava para outras regiões, deixando para outras flores.

Aquelle dia despontou chuvoso. O frio era cortante e as arvores estendiam como esqueletos seus ramos descarnados.

Grossas pingas d'agua começaram a cair.

Desencadeou-se a tempestade e Flor da Serra tremia como a rola desprotegida sem ninho onde se abrigasse.

Aterrada e soluçante de dor, chorava, mas alli não havia quem a consolasse!

A chuva cessou por um instante. Flor da Serra chegou a casa tirando de frio e toda molhada.

Flor da Serra soffre d'uma pneumonia dupla. Alli, deitada em pobre leito, sente vivas saudades. Saudades das suas queridas amigas — as brancas ovelhinhas; saudades dos pequeninos insectos e saudades do sol — o seu intimo amigo!

A sciencia não a pôde salvar, e oito dias depois, Flor da Serra — a pastora mais bonita d'aquelles logares, voou para Deus, para o bom Deus, que veste as flores, matisa as veigas e alimenta as avesinhas.

A. Leão Martins.

A VIDA

Anda a gente no mar d'esta existencia,
Navegando no barco do trabalho,
Para colher as perolas do orvalho
Que tanto brilho dão á consciencia.

E quando mostra ter mais transparencia
O ceu, sob o qual segue o longo atalho
O baixel, que regressa ao agasalho
Do porto do descanso e da demencia,

Turva-se o tempo, brame a tempestade,
Envolvem-se as estrellas em nebrura,
Muda-se em noute a doce claridade...

N'uma vaga se lhe abre a sepultura,
Onde as azas estende uma saudade,
Em brando vôo, que vem pouco dura.

Alfredo Campos.

UMA ESPERANÇA DESFOLHADA

Vou pegar na minha lyra,
Ha tanto tempo olvidada;
Quero ver se ainda solta
Algum som, a malfadada.

Minha lyra, eu quero um hymno
Dos que sabias cantar
Quando um meu sorriso vinha
Tuas cordas afinar.

Eia pois, eu quero um canto
Todo meiguice e ternura,
Que possa voar ás folhas
Do Album da virgem pura.

Quero que seja mavioso,
Qual harmonia do ceu;
Modesto como a violeta
Que se esconde em verde veu.

Tão meigo como o trinar
Do mimoso rouxinol
Quando vem cantar saudades
A' hora do pôr do sol.

Tão suave como a briza
Por uma noite de v'rao;
Tão singelo e verdadeiro
Como é... meu coração.

Dedilhei nas fracas cordas,
Ficou muda a malfadada!
Em vez de canto só tenho
— Uma esperança desfolhada!

Ephigenia do Carvalho Souza Telles.

Fragmento

Arrebatado assim n'uma illusão,
Immerso em seu fulgor,
Ouvi lugubrememente uma canção
D'um desgraçado amor...

Senti-me triste assim—pronuncio vago—
Ouvindo a melopéa.
Como triste fiquel, senti o afago,
D'uns labios de serén.

E a onda branca vinha tristemente
Em languido gemido
Morrer no areal languidamente
Como um leão vencido...

Porto—87.

Vidal Oudinot.

NECROLOGIO

SUMIU-SE repentinamente como
uma estrella que foge e deixa
atrás de si um vago laço de luz espumosa. Comtudo o vago laço de luz que ella deixou é duradouro e triste; não se parece com o das estrellas...

II

Eu tambem quando vi passar uma
grossa corda com fitas de setim, e
branca como um fio explosivo ao
lar, fallei de maneira que eu só ouvisse:

—«Morreu uma virgem!»—
Mal sabia eu que era ella.

III

Depois... o que havia de ser? A
gente sentir estalar-lhe o coração
n'uma agonia de forçado, prever, ver
mesmo as brechas pequeninas abertas
pela cretação da magoa, e a gente
achar-se só, entre homens sinceramente
tristes, mulheres convictamente
pallidas, e de um lado o pae,
de outro a mãe, o que equivale a dizer
que a vontade, sincera e convicta,
humildemente fitava a Impotencia
brutal e má como um grave que
esmaga, na passagem, um tremulo
velhinho...

Era demasiado peso!

E com certeza: é preciso ser-se
a Morte, não se ter bondade alguma,
para assim desfazer uma vida tão
santa e pura como aquillo onde
nunca entrou o mal...

Aonde serão as galés d'este bandido
que faz de todos os mundos
Serras Morenas?

IV

Porém ella teve que partir! E
embora n'esses brazés celestiaes,
que ficam longe, muito longe, lá
n'essas alturas que vertem uma
grata luz em finissimas poeiras de ouro
ou prata que nos polvilham a todos
nós, embora lá tenha ella o Bem-Estar—
elles, os paes, antes a queriam
junto, a si, na sua patria, porque
o amor paterno tem lemma luminoso
e justo:

—«Estar ao pé de nós»—

V

Comtudo ella não tem de esquecer,
porque ainda que o coração

acabe, o mausoleo— anemico irmão
do Tempo—lá diz unicamente:

—«Jaz aqui Laura Alice d'Oliveira
Peixoto»—

Escusava dizer mais. Que nos
importa a nós que ella tivesse 20
anos? O que queremos saber é que
ella existe alli.

Moreira de Rey, 1887.

João Chrysostomo.

J...

(a José Guedes Junior)

E quando tu á janella,
Te debruçavas ditosa,
Julgava ver uma rosa
Preza a uma esp'rança singella...

Pensava ver uma estrella
Nas azas da mariposa,
Anhora rubra e tão bella
Como a utopiá maviosa...

Olhei p'ra ti e parado
Por momentos deslumbrado,
Quiz p'ra sempre ali ficar...

Porque olhaste com ternura
Para mim... e de ventura
Vi um ceu no teu olhar...

Porto—87. Alberto da Rocha.

IMPRESSÕES

(á Ex.^{ma} Sra.^a D. M. Dias)

ERA n'um domingo de primavera.
O dia apresentou-se claro;
o sol com os seus raios luminosos
dourava as campinas.

De tarde, porém, a atmospheria
tornou-se carregada; nuvens caliginosas
e escuras empanaram o brilho
do sol. Não entanto não desistimos
do nosso passeio á serra do Pilar.

Atravessamos a ponte, essa obra
magesiosa; o grandioso e lindissimo
panorama que d'alli se observa,
tudo nos encanta e extasia.

Pelas 4 horas da tarde o sol tornou
a apparecer com todo o seu fulgor.

Estavamos nós no pequeno jardim,
frenteiro ao antigo templo de Santo
Agostinho, quando chegou
uma familia, indo satisfazer uma
promessa ao Senhor dos Passos.

N'essa familia havia uma joven,
trajando excellente toilette, que pela
sua agitação, bem mostrava esperar
com anciedade alguém cuja demora
tanto a amargurava.

Todavia, decorridos vinte minutos
appareceu o ente desejado pela
joven gentil.

Descrever o encontro é-nos total-
mente impossivel.

Certamente amavam-se muito!
Juntou-se a familia que já conhecia
e foram todos passeiar em volta
do edificio.

Sentaram-se no relvedo, e os dois
um pouco distanciados fallavam do
amor que lhes ia no coração...

Ah! Se lhes fosse permittido
retardar a aproximação da noite para
poderem fallar da candida affeição
que os unia, como seriam ditosos!

Comtudo o sol escondeu-se e a
noite desceu.

E a alegria que sentiam ao lado
um do outro escondeu-se tambem
e a tristeza baixou sobre os seus
corações apaixonados, porque tinham
de retirar, e portanto separaram-se...

Quem podera descrever claramente
a magoa com que se despediram
aquelles corações?!
Só elles.

Rocare.

HORAS VAGAS

LOGOGRIPO

Ao sr. Almeida Pinto
distincto auctor do logogrifo NARCISO
publicado no n.º antecedente.

RETRIBUIÇÃO

Senhor Pinto: Agradeço
Summamente penhorado,
A offerta delicada
Do logogrifo passado.

Mas que honra, senhor Pinto,
Ser a flor um narciso!
Quasi perdi o juizo
Tão ufanado fiquei!...
Ferir assim sem mais nem menos
A flor que m'è tão q'rida!
—Vou pregar-the uma partida,
Elle ama as virgens... sim... achei!

Oh! virgem dos sonhos meus, 7, 2, 3, 4, 5, 6, 9.
Oh! virgem que eu idealizo, 1, 8, 7, 5, 6, 9.
Tu és um anjo, o meu Deus,
Oh! virgem dos sonhos meus, 5, 7, 2, 3, 9.
Quero, dos teus, um sorriso,
Dá-me um sorriso dos teus;
Oh! virgem dos sonhos meus, 9, 8, 8, 9.
Oh! virgem que eu idealizo! 5, 6, 9.

Em belleza não lh'excede
A propria Venus.
Decifrou?...

Porto—87. Narciso d'Albuquerque.

CHARADA NOVISSIMA

Ao meu bom amigo e talentoso charadista portuense
Narciso d'Albuquerque.

RETRIBUIÇÃO

Navega no mar! Que gaiato 4—2—1

Ferreira Guimarães.

Decifrações do n.º antecedente:

Do logogrifo:—Narciso.
Da charada:—Amargoso.

THEATROS

Baquet.—Teem sido muito con-
corridos os espectaculos que a com-
panhia de zarzuela tem dado n'este
theatro. Na semana passada foram
interrompidos para dar lugar aos
concertos do eminente violinista hes-
panhol D. Pablo Sarasate; o grande
artista, que o nosso publico ouviu e
admirou.

No concerto de despedida, que
teve lugar no Palacio de Christal, Sa-
razate foi extraordinariamente ap-
plaudido.

S. João.—A companhia que tem
funcionado n'este theatro, parte
brevemente, sob a direcção do in-
signe actor Taborá em digressão
artística pelas provincias.

Darão os seus primeiros especta-
culos na Regoa, e d'alli seguirão pa-
ra Lamego, Villa Real, etc.

Recreios.—Annuncia-se para o
proximo domingo, n'este theatro, o
beneficio da sympatica actriz Beatriz
de Lorena com a representação do
Pedro Sem.

Zong.

ESPECTACULOS

Theatro Baquet—Empreza Cyria-
co de Cardoso & C.^a—Companhia de
D. Maximino Fernandez, filho.

Domingo 5 de junho

Theatro de Recreios—Beneficio
da actriz Beatriz de Lorena, Pedro
Sem. Principia ás 8 e meia.

ANNUNCIOS

VERNIZES DE HARRISON BOWDEN & C.^a
UNICOS DEPOSITARIOS

Baptista & Barbot, largo de S. Domingos, 78, e rua de Santo Ildefonso, 87.
Silva & Teixeira, praça de D. Pedro, 103.
José Martins Ribeiro, rua do Almada, 230.
Evangelista José da Silva, rua do Bomjardim, 380.

Recommenda-se com
especialidade as marcas
FLATTING e CRYSTAL.
tanto de primeira como
de segunda qualidade.



E já bem conhe-
cida a superioridade
d'estes vernizes.

Há-se amostras a
quem as pedir

PREÇOS

Verniz Flattig, de 1.^a qualidade, galão, 25200 reis;—de 2.^a, 18800 reis.
Verniz Crystal, de 1.^a qualidade, galão, 25200 reis;—de 2.^a, 25000 reis.
Desconto para revender.

IMPRENSA REAL—Praça de Santa Thereza, 43, 44 e 45—PORTO.